



Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: Perspectivas para o campo da etnomusicologia

Luis Ricardo Silva Queiroz (UFPB)

Resumo: Este trabalho apresenta perspectivas da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa, refletindo sobre as aplicações dessas duas abordagens metodológicas nos estudos etnomusicológicos. O trabalho tem como base uma ampla pesquisa bibliográfica em etnomusicologia, antropologia e demais áreas afins ao foco da discussão. A partir das reflexões apresentadas fica evidente que a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, apesar de suas particularidades metodológicas, são complementares, podendo compor, juntas, as ferramentas necessárias para a realidade de cada investigação.

Palavras-chave: Pesquisa quantitativa. Pesquisa qualitativa. Etnomusicologia.

Quantitative research and qualitative research: perspectives for the field of the ethnomusicology

Abstract: This work presents perspectives of the quantitative research and the qualitative research, reflecting on the applications of these two methodologies in the ethnomusicological studies. The work has as base an ample bibliographical research in ethnomusicology, anthropology and others areas other areas that have relation with the study. With base in the presented reflections it is evident that the quantitative research and the qualitative research, although its methodological particularities, are complementary, being able to compose the necessary tools for the a reality of each research.

Keywords: Quantitative research. Qualitative research. Ethnomusicology.

Introdução

A complexidade e a abrangência do campo da etnomusicologia têm gerado, desde a consolidação da área, profundos debates e reflexões acerca dos múltiplos e diversificados problemas que constituem o seu universo de pesquisa. Assim, desde os primeiros contatos com a investigação etnomusicológica, o pesquisador se vê diante da responsabilidade de tomar decisões intrínsecas à área, respondendo questões imprescindíveis que nortearão as definições necessárias para a realidade de cada pesquisa.

Na estruturação e condução do seu trabalho, o etnomusicólogo precisa ter consciência das ferramentas necessárias para alcançar os objetivos propostos, definido, assim, a base metodológica que alicerçará a pesquisa, com todos os seus meandros e particularidades. Nesse sentido, a opção e a definição de uma metodologia de pesquisa que possibilite a investigação sistemática, coerente e comprometida com a realidade musical estudada, é um dos primeiros problemas que se coloca face a face com o pesquisador. Para lidar com essa questão é necessário um conhecimento abrangente das possibilidades e das perspectivas da área, bem como da ciência em geral, tendo em vista que, dessa maneira, o estudioso poderá conduzir a pesquisa por caminhos sólidos que garantam, como o máximo de precisão possível, a adequação entre o planejamento do trabalho e a realidade do fenômeno estudado.

Refletindo sobre essas questões, apresento neste artigo uma discussão acerca das abordagens das pesquisas quantitativa e qualitativa, dando ênfase a suas aplicações no campo da etnomusicologia. O trabalho tem como base uma pesquisa bibliográfica nas áreas de etnomusicologia, antropologia e afins, contemplando especificamente estudos que se dedicaram à discussão e à compreensão de aspectos fundamentais da pesquisa científica.

As discussões sobre esse tema não são recentes na literatura das ciências humanas, tendo sido enfocadas em diferentes dimensões segundo a ótica e abrangência de cada campo de estudo. No entanto, debates sobre a distinção, similaridade e complementaridade dessas duas abordagens metodológicas, visando, sobretudo, maior clareza e compreensão de suas perspectivas de estudo, permanecem atuais, tendo em vista as diversas ramificações que caracterizam os rumos e as diretrizes das distintas vertentes epistemológicas que norteiam os trabalhos de pesquisa na contemporaneidade.

Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: o desenvolvimento histórico dos paradigmas norteadores

Traçar um paralelo histórico sobre o desenvolvimento das abordagens quantitativa e qualitativa na metodologia científica seria tarefa exaustiva e complexa, que exigiria mais que um breve estudo, como o aqui apresentado, para o seu devido aprofundamento. Com essa consciência, objetivamos compreender fundamentalmente a base dessas duas correntes metodológicas da pesquisa científica e, sem imergir substancialmente no assunto, refletir sobre a suas aplicabilidades na área de etnomusicologia.

Pensar em pesquisa quantitativa e em pesquisa qualitativa significa, sobretudo, pensar em duas correntes paradigmáticas que têm norteado a pesquisa científica no decorrer de sua história. Tais correntes se caracterizam por duas visões centrais que alicerçam as definições metodológicas da pesquisa em ciências humanas nos últimos tempos. São elas: a visão realista/objetivista (quantitativa) e a visão idealista/subjetivista (qualitativa).

No decorrer do século XX, pesquisadores das áreas de ciências humanas fizeram do problema da unidade das ciências um dos seus maiores debates. Segundo Santos Filho (2001), diante do prestígio e consolidação metodológica das ciências físicas, a grande questão a ser discutida era se a vida social humana podia ou devia ser investigada por métodos das ciências exatas. As palavras de Langness Ilustram essa perspectiva:

Por anos, membros das então chamadas “ciências duras” argumentaram que as várias ciências sociais não poderiam se tornar ciência de maneira alguma – que comportamento humano era fundamentalmente imprevisível e, conseqüentemente, o estudo deste não poderia ser igual ao estudo das leis do universo.¹ (LANGNESS, 1987, p. 203, tradução nossa).

1 For years, members of the so-called “hard sciences” argued that the various social sciences could never become sciences at all – that human behavior was fundamentally unpredictable and hence that the study of it could not be the same as the study of the laws of the universe.



Para Santos Filho (2001), duas posições foram assumidas diante da problemática das diferenças metodológicas entre pesquisa científica em ciências humanas e em ciências naturais. A primeira posição, defendida por Comte, Mill e Durkheim, afirmava a idéia de unidade das ciências, portanto a legitimidade do uso do mesmo método em todas as áreas. Já na segunda ótica, da qual foram defensores Dilthey, Rickert, Weber e Husserl, acreditava-se na peculiaridade das ciências sociais e humanas e, portanto, num procedimento metodológico que contemplasse a especificidade dessas ciências.

O positivismo no paradigma quantitativo/realista

Segundo Santos Filho (2001), a filosofia positivista de Comte representa uma forte defesa da unidade de todas as ciências. Comte, segundo o autor, fundamentou seus argumentos em duas linhas correlatas de raciocínio. A primeira enfatizava a lei dos três estágios da sociedade: o teológico, o metafísico e o positivismo, estágios esses entendidos como evolução inevitável no processo humano de compreensão do mundo e da sociedade. A Segunda hierarquizava as ciências, tomando como base critérios de abstração, complexidade e relevância prática. Assim, as áreas científicas seriam ordenadas da seguinte maneira: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia. Nessa perspectiva, cada área dependeria do desenvolvimento da que a precedeu. Esse pensamento de Comte levou ao domínio da ciência como abordagem mais adequada para se obter conhecimento. Dessa forma, as ciências sociais e humanas ficaram associadas às ciências naturais (exatas). Tanto em sua epistemologia como em seus métodos, a hierarquia também se constitui na justificativa do relativo atraso das ciências humanas em comparação com as ciências naturais.

O movimento positivista estabeleceu aspectos que ainda hoje estão na base de abordagens contemporâneas da pesquisa em ciências humanas. Primeiro, ao se acreditar em uma unidade da ciência, fica implícito que os objetos sociais e culturais devem ser tratados da mesma forma que os objetos físicos nas ciências exatas. “Essa posição é consistente com a idéia realista de que existe uma separação entre o cognoscente e o objeto conhecido” (SANTOS FILHO, 2001, p. 17). De acordo com esse ponto de vista, os objetos sociais/culturais – constituídos a partir das interações humanas – assim como os objetos físicos, têm uma existência independente do observador e de seu interesse.

Outra idéia defendida pelos positivistas era a convicção de que a pesquisa social seria uma atividade neutra. O pesquisador não poderia avaliar ou fazer julgamentos, sendo objetivo a ponto de evitar que suas convicções e valores pessoais interferissem no processo da pesquisa.

Bourdon (1989) concebe como característica dos métodos quantitativos a pressuposição de uma população de objetos de observação comparáveis entre si. Para ele é evidente que os métodos quantitativos – advindos essencialmente das ciências naturais - possuem suas limitações, mas seria errado considerar que eles, quando aplicados às ciências humanas, possam captar somente os aspectos mais pobres e mais superficiais das sociedades. Ainda segundo o autor, os métodos quantitativo-positivistas lidam com a possibilidade de estabelecer relações causais entre os fenômenos

sociais, pensamento amplamente desenvolvido por Durkheim. Para ele, se dois fenômenos variam constantemente juntos e se é possível apresentar argumentos racionais para essa covariação, então estaria aí a prova da causação.

De maneira geral, podemos dizer, resumidamente, que o método científico das ciências naturais, quando aplicado às ciências humanas, apresenta três características básicas: defesa do dualismo epistemológico, que concebe a separação radical entre o sujeito e o objeto do conhecimento; visão das ciências humanas como neutras ou livres de valores; concessão do objetivo da ciência, inclusive das humanas, como sendo o de encontrar regularidades e relações entre os fenômenos socioculturais.

O paradigma qualitativo - interpretativo/idealista

De acordo com Oliveira (2000), o método qualitativo “sempre” foi considerado como método exploratório e auxiliar na pesquisa científica. No entanto, o autor destaca que o novo paradigma da ciência coloca o método qualitativo dentro de uma outra base de concepção teórica na mensuração, processamento e análise de dados científicos, atribuindo-lhe valor fundamental no desenvolvimento e consolidação da ciência em diferentes áreas.

Santos Filho (2001), afirma que a crítica em reação à teoria positivista como abordagem adotada pelas ciências humanas, em específico pelas ciências sociais, teve início a partir da segunda metade do século XIX. Essa visão pode ser evidenciada em perspectivas como as de Mello (2001) que, tendo como base o pensamento de Max Weber, acredita que as ciências humanas deviam tomar uma postura compreensiva, e não explicativa, como é caso das ciências naturais. Dessa forma, o pesquisador deverá colocar-se no lugar dos atores sociais, procurando inferir o que Weber denomina de “tipos ideais”. Assim, é possível perceber que a base do paradigma qualitativo está na “interpretação” de uma dada realidade sociocultural, e não especificamente na “quantificação” dessa realidade.

Essa visão parte do princípio de que não se pode, com inteira certeza, afirmar que a causalidade do comportamento humano obedece a leis semelhantes ou iguais às aquelas que determinam o acontecimento natural. Ou seja, ao lidar com ações e fatos relacionados ao comportamento, conceito e produtos que envolvam a ação humana, o pesquisador está lidando com palavras, gestos, arte, músicas e vários outros fatores carregados de simbolismo, que não podem ser quantificados, mas sim interpretados de forma particular, de acordo com a singularidade de cada contexto.²

Dilthey pode ser considerado um dos pioneiros na crítica sobre a utilização do positivismo nas ciências sociais. Segundo ele, havia uma diferença fundamental entre o objeto das ciências naturais e o das ciências sociais, chamadas por ele de ciências “culturais”. Dilthey se opunha claramente à utilização da metodologia das ciências naturais pelas ciências sociais, tanto para estudos sincrônicos

2 No estudo etnomusicológico, a concepção de entendimento do fenômeno social/musical a partir do comportamento, conceito e produto musical, foi afirmada pelo modelo tripartite de Alam Merriam (1964), que considera esses três aspectos como fundamentais para compreensão da música e de suas relações com os demais fatores do seu contexto sociocultural.



como também para os diacrônicos. Para ele, os objetos da vida humana estão intimamente conectados com as emoções e valores da subjetividade da nossa mente e que as inter-relações sociais entre o pesquisador e o objeto pesquisado, quando esse objeto é o próprio homem, são inseparáveis. Assim, não há forma de se distanciar completamente dos eventos da vida com o intuito de descrever o que significam. Para compreensão de um determinado evento há a necessidade de interação com ele, pois somente a partir daí é possível buscar uma compreensão singular do seu significado. Em suma, o que se pode conhecer é que certos eventos significam alguma coisa para certas pessoas que os realizam.

Com base nessas considerações, é possível afirmar que, em se tratando de ciências humanas, incluindo aí a etnomusicologia – que estuda a própria subjetividade simbólica dos homens - seres humanos são ao mesmo tempo sujeito e objeto de investigação. Portanto, os estudos desse mundo subjetivo, que buscam extrair o máximo de objetividade possível são estudos de nós mesmos, em que a compreensão dos fenômenos surge do contato do pesquisador com outro ser humano, que não se difere dele pela espécie e natureza, mas sim pelas idiossincrasias que o meio cultural lhe proporciona (DA MATTA, 2000; DEMO 2001).

Quanto às leis causais, Dilthey também não acreditava que poderiam ser aplicadas nas ciências “culturais”. “A complexidade da vida social, a variedade de interações entre os indivíduos, as contínuas mudanças ao longo do tempo e as diferenças culturais não permitem que os teóricos estabeleçam leis que se apliquem em todo o tempo e lugar” (SANTOS FILHO, 2001, p. 26). Assim, o estudo científico das ciências “culturais” não pode ter por finalidade estabelecer generalizações universais para as diferentes culturas e os atores que as constituem. Sua meta, ao contrário, deve ser compreender, de forma “interpretativa”, a individualidade de cada sistema e/ou contexto cultural estabelecido pelas interações do homem consigo mesmo e com o mundo.

Deste modo, o dualismo sujeito-objeto das ciências naturais não é adequado às ciências humanas, pois os seus objetos não são entidades físicas ou processos externos, mas manifestações da mente. “[...] a tarefa do pesquisador não é descobrir leis, mas engajar-se numa compreensão interpretativa [...] das mentes daqueles que são parte da pesquisa” (SANTOS FILHO, 2001, p.27). Tal processo envolve a tentativa de compreender os outros mediante o estudo interpretativo das suas singularidades em linguagem, gestos, arte, política, leis, etc.

Rickert (1962), que também foi crítico do positivismo, acreditava que as diferenças metodológicas entre as ciências naturais e as ciências humanas são necessárias, porque os pesquisadores têm interesses diferentes nas duas áreas. Assim, o problema central da discussão não seria a distinção entre o objeto de uma e outra, mas os objetivos em torno desse objeto. Podemos dizer que o interesse das ciências naturais é monotético – busca generalizações e a descoberta de leis – enquanto as ciências humanas estão preocupadas fundamentalmente com idiossincrasias, centradas nos eventos, ações e comportamentos individuais. Segundo esse mesmo autor, as ciências “culturais” se preocupam não só com o que é experienciado pelas pessoas, mas também com o que é significativo para elas.

Segundo Santos filho (2001), Weber, como Rickert, acreditava que as ciências humanas/sociais se diferenciam fundamentalmente das ciências da natureza mais pelo tipo de questão que preocupa o pesquisador e promove o seu interesse, do que pelo objeto em si. Weber também acreditava nas questões de valor relevância. Segundo ele, a escolha de um determinado assunto e a forma de olhar para esse já demonstram o interesse do pesquisador. De acordo com a idéia de “valor-relevância”, é aceitável e natural que os cientistas sociais se interessem por diferentes coisas ou pela mesma coisa de diferentes modos.

Outra grande contribuição para a concretização da pesquisa qualitativa vem da fenomenologia, que busca compreender os seres humanos como indivíduos em sua totalidade e em seu próprio contexto. A perspectiva fenomenológica procura evitar a fragmentação causada pela abordagem positivista e experimental que analisa parcelas do sujeito.

Para apresentar um estudo mais detalhado das abordagens históricas que contribuíram e influenciaram a consolidação da pesquisa qualitativa, seria necessário discutir outras vertentes norteadoras do estudo científico, como o pensamento dos teóricos críticos da Escola de Frankfurt. No entanto, para nossas considerações que, como citado anteriormente, não têm a pretensão de dar conta da abrangência e da complexidade do tema, os esclarecimentos apresentados acima são suficientes para discutirmos a aplicação dessas suas perspectivas na pesquisa etnomusicológica.

Incompatibilidade e complementaridade entre os métodos quantitativo e qualitativo

Diferentes vertentes do pensamento científico alicerçaram o desenvolvimento metodológico da pesquisa científica. Tal fato, elas têm apontado distintas visões sobre a complementaridade ou não das abordagens quantitativa e qualitativa na definição metodológica do estudo científico. Segundo Oliveira (2000), a oposição excludente entre métodos quantitativos (experimental e objetivo) e métodos qualitativos (racional e subjetivo) remonta ao fim da idade média. No entanto, como destacado em nossas considerações, os novos caminhos da ciência, sobretudo pela busca de compreender o próprio homem e sua subjetividade, fizeram com que os pesquisadores das ciências humanas buscassem desenvolver novos procedimentos metodológicos que os possibilitassem estudos mais significativos em suas áreas. “Quando os cientistas não estão de acordo sobre a existência ou não de soluções para os problemas de sua área de estudos, então a busca de regras adquire uma função que não possui normalmente” (KUHN, 2000, p. 73). Esta afirmação nos faz perceber que as novas definições metodológicas vão surgindo em paralelo com as definições dos problemas da própria área. Dessa forma, as ciências humanas buscaram delinear novas concepções paradigmáticas que pudessem contemplar os distintos problemas de seu campo de pesquisa. A partir dessa busca, se constituiu a visão atual de muitos autores, a de que os métodos quantitativos e qualitativos, na verdade, se complementam, e a escolha de uma ou outra abordagem está associada diretamente aos objetivos e finalidades de cada pesquisa.



A diversidade incompatível

Apesar da convicção atual de que não há uma separação entre as abordagens quantitativa e qualitativa na pesquisa científica, a crença da incompatibilidade entre esses dois focos metodológicos ainda se encontra no cerne de muitas discussões (DEMO, 2001). Os pesquisadores quantitavistas, em geral, vêm a pesquisa qualitativa como carente de objetividade, rigor e controles científicos (SANTOS FILHO, 2001). Sem o recurso da quantificação, a pesquisa qualitativa não produz generalizações para se construir um conjunto de leis do comportamento humano, nem pode aplicar testes adequados de validade e fidedignidade. Além disso, baseados na distinção positivista entre fatos e valores, esses pesquisadores consideram que a pesquisa qualitativa não apresenta padrões de objetividade e não atende aos critérios de verdade do paradigma positivista.

Segundo os defensores da tese da incomensurabilidade, os pontos de vista do realismo quantitativista e do interpretativismo idealista são radicalmente opostos e por isso incompatíveis, se diferenciado principalmente nos seguintes aspectos: visão de mundo, relação entre pesquisador e o objeto pesquisado, relação entre fatos e valores, objetivo da pesquisa, abordagem, foco, método, papel do pesquisador e critérios de pesquisa.

Para Popper (1998), uma experiência subjetiva, ou um sentimento de convicção, jamais podem justificar um enunciado científico e dentro dos quadros da ciência isso não desempenha papel algum, exceto o de objeto de uma investigação empírica. Nesse sentido, a pesquisa científica deve se valer de dados que possam ser justificados objetivamente.

Contrariando essa idéia, Demo (2001), sem excluir a importância da objetividade, afirma que nossa mente enfrenta a realidade complexa pela via da simplificação padronizada, submetendo-a a padrões que são muito mais da mente do que da realidade. Assim, temos uma tendência em entender os fenômenos de forma ordenada, mas isso, em parte, deturpa a realidade naturalmente desordenada. “Como o extenso [quantitativo] é mais facilmente ordenável, sobretudo mensurável, é preferido pelo método científico” (DEMO, 2001, p. 17). As pesquisas de profundidade qualitativa não se satisfazem com a dimensão extensa, buscando, sobretudo, a intensa. Precisam, portanto, considerar a subjetividade, o inesperado, o imprevisível, não sendo possível acreditar em recorrências com as quais sempre se poderia contar e do mesmo jeito, bem regulares.

A expectativa de realidade do ponto de vista quantitativo é uma simplificação grosseira, voltada por uma obsessão metodológica, a ponto de considerar real apenas o que o método consegue captar e formalizar, impondo de certa forma, a ditadura do método. Por outro lado, também é necessário reconhecer que a pesquisa qualitativa é ainda proposta tênue, geralmente amadora e com resultados magros, acantonada em áreas residuais das ciências humanas/sociais (DEMO, 2001).

A diversidade complementar

Nessa forma de conceber a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, considera-se que existe de fato uma diferença entre as duas abordagens, mas que elas não são excludentes e sim complementares.

Santos Filho (2001) afirma que pesquisadores têm reconhecido que a complementaridade existe e é fundamental, tendo em vista os vários e distintos desideratos da pesquisa em ciências humanas, cujos propósitos não podem ser alcançados por uma única abordagem metodológica.

Com efeito, a partir dessa visão se percebeu que as duas formas de abordar a pesquisa científica – quantitativa e qualitativa –, vistas até então como antagônicas, na verdade, estavam apenas preocupadas com problemas e tópicos diferentes, mas igualmente importantes. Assim, o uso dessas duas abordagens na pesquisa de um mesmo problema, pode apresentar um resultado mais considerável e significativo.

A unidade entre os paradigmas

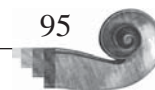
A distinção entre quantidade e qualidade foi criticada e rejeitada pelos pós-positivistas, tanto no que se refere aos dados como também à inferência. Segundo essa fundamentação, os dados quantitativos pressupõem os qualitativos. Segundo Santos Filho, aparentemente os dados quantitativos parecem ser uniformemente superiores e apresentam baixos índices de falha. O autor segue seu raciocínio levantando a possibilidade de que os dados quantitativos podem, em determinados momentos, superar os qualitativos, “[...] permitindo discriminações mais refinadas e sumários econômicos de dados que facilitem a análise, sendo em **certos casos** mais eficientes” (SANTOS FILHO, 2001, p. 5, grifo nosso).

Já no que se relaciona à inferência, qualquer suporte conceitual, base teórica ou hipóteses pressupõem crenças qualitativas que atuam fundamentalmente na fase das interpretações, análises e conclusões científicas. Nessa concepção, a evidência quantitativa não pode ser interpretada independentemente de considerações qualitativas. Portanto, os métodos quantitativo e qualitativo não podem ser vistos como incompatíveis, pois estão, de fato, intimamente associados e, dessa maneira, podem e devem ser aplicados dentro de uma unidade epistemológica sem cair em contradição metodológica.

Em suma, concordamos com Santos Filho (2001) quando afirma que parece ser fictícia, e mesmo simplista e artificial a dicotomia entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa. Na consolidação da pesquisa científica, o pesquisador deve ser capaz de superar as aparentes contradições epistemológicas, metodológicas e operacionais entre essas abordagens, a fim de realizar uma investigação sistemática, abrangente e comprometida, tanto com os princípios científicos quanto com a realidade investigada.

Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa no estudo etnomusicológico

O trabalho de pesquisa em etnomusicologia exige, do pesquisador, habilidades distintas, que devem se integrar na consolidação de um estudo científico na área. Por um lado, o etnomusicólogo, ao se engajar na pesquisa de campo em uma dada realidade musical, necessita lidar com o trabalho etnológico, para que possa entender valores e significados que são atribuídos, pelo homem, à música,



dentro do contexto social/cultural específico daquela realidade.³ Nesse momento, o pesquisador tem contato direto com o campo pesquisado e se coloca frente a frente com a vida e as ações de outros seres humanos, para, a partir daí, interpretar e entender suas atitudes e, conseqüentemente, suas idiossincrasias musicais. Segundo as palavras de Myers (1992, p. 21) é no trabalho de campo que nós descobrimos o lado humano da etnomusicologia.

Para Nettl (1964), o trabalho de campo estabelece relações pessoais entre o investigador e as pessoas cuja música ele deseja gravar e cujo pensamento sobre música ele deseja descobrir; e tais relações não podem ser desenvolvidas com base na reunião de instruções escritas. O autor justifica a sua concepção afirmando que talvez isso ocorra “[...] pelo fato de que o trabalho de campo etnomusicológico, além de ser um tipo de atividade científica, é também uma arte”⁴ (NETTL, 1964, p. 64, tradução nossa).

Tomando como referência o pensamento de Demo (2001) sobre o analista qualitativo, estamos convictos de que o pesquisador, numa busca qualitativa em etnomusicologia, deve observar tudo o que é ou não falado, tocado ou cantado, pois muitas vezes os gestos, o balançar da cabeça, a expressão corporal e facial dos informantes, o vaivém das mãos e tudo que ocorre no campo durante uma pesquisa pode estar imbuído de sentido e expressão. Esses elementos são, em um determinado momento, mais significativos do que a fala e do que o próprio produto musical, pois o ser humano é repleto de sutileza em sua comunicação – verbal e/ou musical – e, por isso, não pode ser reduzido a objeto.

Tais concepções evidenciam que uma área abrangente e complexa como a etnomusicologia, que lida com a música em suas múltiplas relações com a cultura, tem na pesquisa qualitativa uma de suas maiores perspectivas de definição metodológica.

Todavia, ao realizar o trabalho etnográfico o etnomusicólogo se confronta com a necessidade de utilizar outros aspectos que, associados à interpretação qualitativa, podem fortalecer o processo de pesquisa e, conseqüentemente, a qualidade e a profundidade da investigação. Nesse sentido, é válido destacar a relevância de métodos quantitativos para estudo da música. Métodos que podem ser de grande valor nos procedimentos múltiplos de coleta e interpretação dos dados, bem como na fase de estruturação e apresentação dos resultados da pesquisa.

Tanto no uso e na elaboração de gráficos, planilhas, e outros instrumentos dessa natureza, quanto na aplicação do próprio recurso de transcrição musical são encontradas alternativas que permitem a análise, a descrição e a apresentação de aspectos fundamentais música, no que concerne aos seus aspectos estéticos e socioculturais. Compartilhando das reflexões de Lévi-Strauss (1996),

3 Mantle Hood, em sua obra *The ethnomusicologist*, faz uma importante discussão sobre a necessidade do estudo da música dentro do seu contexto particular. O autor afirma que um estudo significativo de música, dança, ou teatro não pode ser isolado de seu contexto sócio-cultural e da escala de valores nele incluída. “...significant study of music or dance or theater cannot be isolated from its socio-cultural context and scale of values it implies” (HOOD, 1971, p. 10).

4 [...] perhaps because ethnomusicological field work, in addition to begin a scientific type of activity, is also an art.

relacionadas à antropologia, consideramos que o etnomusicólogo, como o antropólogo, muitas vezes, vê-se diante de categorias de problemas que não pertencem propriamente à etnologia. Com efeito, há a necessidade de buscar fontes de informações em outras ciências, possivelmente acreditando que, outra vez parafraseando Lévi-Strauss, elas possam fornecer modelos de métodos e de soluções para o processo de pesquisa.

A questão da quantificação se mostra presente ainda em outras categorias do trabalho etnomusicológico, como no uso de estatística⁵ para a representação e comunicação de dados coletados no campo.⁶ Segundo Mitchell (1987), o grande impulso para o uso da quantificação em antropologia, que foi entendido posteriormente para o campo da etnomusicologia, foi dado por Malinowski, que defendia a aplicação de métodos quantitativos como parte do processo que chamou de “documentação concreta” pormenorizada. Segundo esse ponto de vista, que precisa ser considerado pelo etnomusicólogo, o pesquisador deveria “medir, pesar e contar” tudo aquilo que seja possível de quantificação. Mitchell ainda afirma que desde a primeira metade do século XX já se aceitava a necessidade de apresentar, sempre que possível, informações quantitativas. No entanto, o autor deixa claro que a quantificação deve auxiliar o trabalho de campo e não se constituir sua perspectiva principal:

[...] não se pode reduzir o trabalho de campo e as técnicas de análise a meras manipulações matemáticas. Ao mesmo tempo, tanto o conhecimento mais extenso – fornecidos pelos métodos quantitativos – quanto às correlações estabelecidas entre os fenômenos – as quais podem ser extraídas através do raciocínio estatístico – devem constituir a base fundamental a partir da qual o antropólogo começa a formular suas generalizações sobre o comportamento social do povo que estuda. Os métodos quantitativos são, essencialmente, instrumentos auxiliares para a descrição. Ajudam a focalizar com maior detalhe as regularidades que se apresentam nos dados coletados pelo pesquisador. As médias, taxas e porcentagens são formas de resumir as características e as relações que se encontram nos dados (MITCHELL, 1987, p. 81-82).

Mitchell completa suas considerações afirmando que as medidas estatísticas ultrapassam os dados meramente quantitativos, pois possibilitam a utilização de artifícios que esclareçam a relação entre os diversos fatos sociais coletados pelo observador.

Autores diversos têm concebido a etnomusicologia com o estudo antropológico da música que aborda tanto as dimensões estético-estruturais do fenômeno musical quanto os demais aspectos socioculturais que o caracteriza (NETTL, 1983; 1997; MERRIAM, 1964, BLACKING, 1995, MYERS, 1992). Tal visão enfatiza a complexidade dos procedimentos metodológicos que implicam uma pesquisa na área, considerando que, segundo as palavras de Myers, a extensão da pesquisa

5 Segundo Snedecor e Cochran (1967), a estatística lida com técnicas para coletar, analisar e esboçar conclusões de dados. Assim, auxilia trabalhos em qualquer área do conhecimento que utiliza pesquisa quantitativa. Tais pesquisas são amplamente preocupadas em reunir e sumariar observações ou medidas feitas por experimentos planejados, questionários, gravações de amostra de casos particulares ou por busca de trabalhos publicados sobre alguns problemas.

6 A obra de Levin (1987) *Estatística aplicada a ciências humanas* traz uma importante contribuição para o uso de técnicas de estáticas no trabalho do pesquisador em geral, e mais especificamente, para os das áreas de ciências humanas.



etnomusicológica é tão ampla e variada como a música do mundo em si mesma.

Com essas poucas mas significativas reflexões, pudemos enfatizar que o caminho adequado para a definição metodológica de uma pesquisa deve ser determinado pela natureza e pelos objetivos do trabalho e não por uma opção estabelecida a partir de preferências pessoais, desvinculadas da realidade da investigação. Percebendo a importância de procedimentos metodológicos quantitativos, bem como a fundamental necessidade de utilizarmos as abordagens qualitativas para a compreensão do fenômeno musical, não podemos acreditar em uma dicotomia incompatível entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa. Precisamos considerar que é preciso lidar com a interpretação e compreensão particularizada de um fenômeno musical, tomando com critério fundamental os seus aspectos qualitativos, sem abrir mão da sistematização, objetividade e clareza que a quantificação de determinadas informações sobre esse fenômeno, incluindo aí os aspectos quantitativos do registro musical, podem trazer para a pesquisa.

Conclusão

Direcionando nossas atenções para as discussões e os problemas que permeiam as abordagens metodológicas na pesquisa quantitativa e na pesquisa qualitativa, tendo como objetivo central refletir sobre suas aplicações na etnomusicologia, este estudo apresentou considerações sobre os pensamentos que alicerçam os debates atuais em torno dessas duas perspectivas da pesquisa científica.

A origem etimológica de qualidade privilegia a idéia de “essência” (DEMO, 2001), enfatizando no fenômeno o que lhe seria mais peculiar e, portanto, definidor. Essa visão traz em si a idéia de que uma abordagem qualitativa representaria a parte central, de um fenômeno, na qual se poderia resumir o todo. Tal idéia não coloca à margem a noção de quantidade, pois a dimensão extensa dos fenômenos não é algo secundário, mas simultaneamente constitutivo.

Reconhecendo e delimitando o foco específico de cada abordagem, mesmo que traçar os limites de cada uma delas seja algo complexo e, de certa maneira, subjetivo, podemos concluir que as duas formas de pesquisa aqui discutidas apresentam perspectivas distintas no processo de coleta e análise de dados, bem como nas etapas de estruturação e apresentação dos resultados da pesquisa. No entanto, é fundamental enfatizar que na consolidação total da pesquisa, as abordagens quantitativa e qualitativa se completam e proporcionam dimensões mais abrangentes para a concepção do trabalho, fazendo dele, assim, capaz de abarcar a complexidade dos estudos, seja nas ciências humanas e, até mesmo, nas ciências naturais.

Assim, nos estudos etnomusicológicos, como em outros campos das ciências humanas, a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa devem compor, juntas, o universo da investigação, pois suas abordagens são, acima de tudo, complementares. Complementaridade essa que possibilita ao etnomusicólogo realizar e apresentar um trabalho tanto contextualizado com a realidade singular da pesquisa quanto adequado aos princípios e anseios da ciência em geral.

Referências

- BLACKING, John. **How musical is man?** 5. ed. London: University of Washington Press, 1995.
- BOURDON, Raymond. **Os métodos em sociologia**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- Da MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. Campinas: Papyrus, 2001.
- HOOD, Mantle. **The ethnomusicologist**. Nova York: Mc Graw-Hill, 1971.
- KUHN, Tomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LANGNESS, Lewis. L. **The study of culture**. 2. ed. Novato - California: Chandler & Sharp Publishers, 1987.
- LEVIN, Jack. **Estatística aplicada a ciências humanas**. Tradução de Sérgio Francisco Costa. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1987.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Egnardo Pires. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação teorias e temas**. 8. ed. São Paulo: Vozes, 2001.
- MERRIAM, Alan P. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.
- MYERS, Helen. Fieldwork. In: MYERS, Helen (Edit). **Ethnomusicology: historical e regional studies**. London: The Macmillan Press, p. 21-50, 1992.
- MITCHELL, J. Clyde. A questão da quantificação na antropologia social. In: FELDMAM-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, p.77-126, 1987.
- NETTL, Bruno. **Theory and method in ethnomusicology**. New York: The Free Press, 1964.
- _____. **The study of ethnomusicology: twenty-nine issues and concepts**. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1983.
- NETTL, Bruno et al. **Excursion in world music**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1997.
- OLIVEIRA, Claudionor dos Santos. **Metodologia científica, planejamento e técnicas de pesquisa: uma visão holística do conhecimento humano**. São Paulo: LTR, 2000.
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- RICKERT, H. **Science and history: a critique of positivist epistemology**. New York: D. Van Nostrand, 1962.
- SANTOS FILHO, J. Camilo dos. Pesquisa quantitativa *versus* pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, J. Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, p.13-59, 2001.
- SNEDECOR, George W.; COCHRAN, Willian G. **Statistical Methods**. 7. ed. Iowa: The Iowa State University Press, 1967.

Luis Ricardo Silva Queiroz é Doutor em Música (Etnomusicologia) pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação Musical pelo Conservatório Brasileiro de Música e Licenciado em Educação Artística, Habilitação em Música, pela Universidade Estadual de Montes Claros. É Professor Adjunto do Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba, atuando como docente no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Música e Coordenador do Curso de Licenciatura em Música. Foi professor adjunto da UNIMONTES (1998 – 2004) e do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez, em Montes Claros-MG (1995 – 2002). Participou como solista de concertos e apresentações musicais em diversos teatros de Minas Gerais e foi violonista do Grupo Instrumental Marina Silva (1997 e 2002). Como integrante do *Trem Brasil*, participou de diversos shows no país e da gravação de dois CDs. É autor de artigos nas áreas de Etnomusicologia e Educação Musical publicados em livros, revistas especializadas e anais de congressos.